

## TEMÁTICAS EMERGENTES NA EDUCAÇÃO SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS CURSISTAS DO PARFOR: REFLEXÕES A PARTIR DAS SUAS PRÁTICAS

Maria Eurácia Barreto de Andrade <sup>1</sup>  
Sineide Cerqueira Estrela <sup>2</sup>

### RESUMO

O referido artigo trata-se do resultado de uma pesquisa realizada no âmbito do Parfor em uma Universidade Pública da Bahia e objetivou refletir sobre as percepções das professoras cursistas acerca da Educação atual e seus desafios, sob a perspectiva das suas práticas pedagógicas cotidianas. No âmbito metodológico a pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa (Marconi e Lakatos, 2010), ancorada na pesquisa de campo (Gil, 2010), com a produção de dados a partir de produção escrita em sala de aula em um dos componentes inseridos no currículo do curso de Pedagogia do Parfor. As colaboradoras da pesquisa foram constituídas por vinte e sete professoras cursistas do programa, com ampla experiência na docência da Educação Básica, especificamente na Educação Infantil e de Jovens e Adultos (segmento I) e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Deste modo, as principais bases teóricas mobilizadas na pesquisa foram: Freire (1980; 1996), Paro (2001), Pérez (2002), Nogueira (2005), Nerice (1977), dentre outras que contribuíram para reflexão da temática. Os resultados apontaram que diante das inúmeras questões que afetam a Educação atual, o distanciamento entre a educação familiar e escolar é a mais emergente na percepção das professoras pesquisadas. Das vinte e sete (27) professoras pesquisadas, dezesseis (16) delas apontaram esta problemática nos seus textos. Além disso, outras temáticas também foram evidenciadas com menor incidência as quais carecem ampla problematização e debate.

**Palavras-chave:** Parfor, Professoras Cursistas, Desafios da Educação Atual.

### INTRODUÇÃO

A Educação ocupa ou deveria ocupar lugar de centralidade não apenas nos espaços formativos, mas nos diversos cenários e coletivos de discussões pela sua grande relevância e abrangência e por constituir-se enquanto mola propulsora para uma sociedade mais justa, igualitária e conhecedora dos seus direitos e deveres.

O nosso grande mestre e patrono da Educação brasileira, Paulo Freire, afirma que a Educação deveria ser pluralizada pela sua amplitude e pelas diversas dimensões que a atravessam. Na sua compreensão é pela Educação que os sujeitos podem sair do seu lugar e condição para o lugar que sonham e desejam ser, mas, para isso, depende da concepção e princípios adotados. Nesse sentido, esta pluralização defendida por Freire, ou seja, as várias

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: mariaeuracia@ufrb.edu.br

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA). E-mail: sineidestrela@hotmail.com

educações, podem ser sumarizadas em apenas duas: bancária e libertadora. A primeira, para o referido autor, traduz-se em uma educação que promove a opressão, a alienação e a dominação, tornando as pessoas menos humanas e menos justas. A segunda, ao contrário, busca a promoção da justiça, da liberdade e da autonomia dos sujeitos; busca a possibilidade de os sujeitos saírem da “consciência ingênua” para a “consciência crítica” (FREIRE, 1980). E é exatamente esta a perspectiva que defendemos: uma educação que liberte, que emancipe os sujeitos.

A educação pelo seu caráter ontológico, não tem um ponto final, mas se caracteriza como um processo de inconclusão, de inacabamento, justamente por decorrer da própria natureza humana a sua incompletude. É neste sentido que Freire (1996) destaca que é na inconclusão do ser humano que se funda a educação como processo permanente. E ainda acrescenta: “Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência da sua inconclusão é que gerou a sua educabilidade” (FREIRE, 1996, p. 64).

É justamente pela consciência do inacabamento e da incompletude, que as professoras cursistas, mesmo depois de muitos anos na docência na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e/ou no segmento I da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, se inserem no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor<sup>3</sup>) e, nesse processo formativo, encontram espaço para refletir sobre as suas práticas a partir das bases teóricas que as sustentam.

Acreditando-se na potência da reflexão sobre as suas práticas e da problematização sobre a Educação atual, em suas diversas vertentes, foi proposto para a turma em questão, um momento de produção individual a partir dos seus olhares sobre esta ampla temática. Nesse sentido, o objetivo mobilizador deste artigo se constitui em refletir sobre as percepções das professoras cursistas do Parfor acerca da Educação atual e seus desafios sob a perspectiva das suas práticas pedagógicas cotidianas.

No âmbito metodológico, a pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa (Marconi e Lakatos, 2010), ancorada na pesquisa de campo (Gil, 2010) e a produção de dados se deu a partir de produção escrita em sala de aula em um dos componentes inseridos no currículo do curso de Pedagogia do Parfor.

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por vinte e sete professoras cursistas do Parfor, de uma instituição pública do Estado da Bahia com ampla experiência na docência da

---

<sup>3</sup> O Parfor é uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para profissionais do magistério que estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula.

Educação Básica, especificamente na Educação Infantil e de Jovens e Adultos (segmento I) e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## **REFERENCIAL TEÓRICO - A DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO FAMILIAR NOS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO<sup>4</sup>**

Considerando as diversas dimensões que atravessam a Educação atual, sob o olhar das professoras cursistas do Parfor, está a necessidade de maior parceria entre educação familiar e escolar. Esta insuficiência de articulação acaba provocando inúmeros desafios para a escola a qual necessita cumprir o seu papel social.

Refletindo sobre esta problemática, podemos inferir que ao longo dos últimos séculos a família e a escola passaram por diversas transformações as quais Nogueira (2005) aponta quatro delas como as principais vivenciadas pela escola. A primeira refere-se às novas perspectivas pedagógicas aceitas atualmente que passa a compreender o estudante enquanto um sujeito capaz de participar ativamente na construção do seu conhecimento. Não é mais aceitável conceber a escola como única fonte de informação e conhecimento, pois os estudantes nesta nova conjuntura apresentam conhecimentos dos mais diversos e a escola precisa se aproximar para valorizar e respeitar as várias realidades socioculturais, de modo que possa intervir positivamente.

Nesse contexto, a referida autora destaca a segunda transformação que diz respeito à necessidade de a escola contemporânea articular suas práticas com as vivências sociais dos estudantes. Nas suas palavras, sugere que “[...] a instituição escolar moderna deve conceber seu trabalho educativo em conexão com as vivências trazidas de casa pelo educando” (NOGUEIRA, 2005, p. 573). Já Paro (2001, p. 25) defende: “[...] o fato de a escola ter funções específicas não a isenta de levar em conta a continuidade entre a educação familiar e a escolar”. Nessa discussão, Caetano (2008) evidencia que a escola deve reconhecer a necessidade de estreitar as relações entre a educação familiar e escolar, construindo assim uma continuidade ou uma extensão das vivências cotidianas no seio familiar e social. Sacristán (2002, p.118) confirma tal discussão ao anunciar que:

[...] a aprendizagem escolar de qualidade deverá aproveitar a diversidade de fontes de cultura existentes e fundamentar a capacidade de selecionar a mais

---

<sup>4</sup> Alguns apontamentos apresentados neste campo teórico estão inseridos na obra Alfabetização e Letramento (s) na escola e na família: o processo de apropriação da leitura e da escrita sob um olhar para além da sala de aula, de autoria de Maria Eurácia Barreto de Andrade e Sineide Cerqueira Estrela. Curitiba: CRV editora, 2016, p. 59-66.

substancial, para fazer da escola um espaço motivador aberto a subjetivação de uma cultura cada vez mais disponível fora das escolas.

Sobre essa discussão Gomes (1993) faz uma grande crítica a atuação das escolas ao desconsiderar, muitas vezes, os conhecimentos e experiências trazidos do contexto sociocultural, ou seja, trabalha como se o sujeito nascesse ao iniciar a educação formal, negando, entretanto, o que muitos profissionais defendem, pois para o autor “[...] a Escola *continua* a tarefa familiar de educar a criança para a vida e, especialmente, para o trabalho. O que não fazemos é levar em conta este dado, até às últimas conseqüências [*sic*]” (GOMES, 1993, p. 87 [grifo do autor]).

Paro (2001), ao discutir a contribuição dos pais e dos professores na qualidade do ensino, revela que a escola necessita apresentar as crianças uma realidade que não seja estranha nem alheia ao que vivenciam no seio familiar, pois esta já representa uma grande ruptura para a criança no início do processo por deixar o contexto afetivo e acolhedor do seu lar para lançar-se em outro espaço que, muitas vezes, não apresenta a estrutura adequada nem tampouco profissionais preparados para acolher a todas as crianças, provocando uma descontinuidade da educação familiar. Sobre essa questão apresentada por Paro (2001), Gomes (1993, p. 87) contribui revelando que: “Há uma ruptura real, concreta, entre os dois momentos do processo educativo – entre o assistemático e o sistemático, ou entre o informal e o formal”.

Apesar da necessidade de aproximação e relação respeitosa entre escola e família e de conhecer o cotidiano e contexto dos estudantes para promover intervenções adequadas, muitas instituições, calçada nesse discurso, buscam conhecer a intimidade da vida familiar. É nesse sentido que Nogueira (2005) apresenta esta realidade como a terceira transformação vivida pela escola atual. Para ela esta não é a forma adequada de estreitar a parceria, pois a escola não tem esse direito de invadir a intimidade familiar. Nesse sentido, a referida autora apresenta o quarto aspecto de transformação escolar que está relacionado às mudanças enfrentadas pelas famílias, pois, para ela, a escola no momento atual carrega nos seus objetivos primordiais ensinar a ser e a conviver que era antes função da família. Assim, a instituição de ensino deve estar preparada para assumir mais essa função que é extremamente complexa, mas necessária. Sobre essa discussão, Nogueira (2005, p. 573) reafirma que “[...] a escola estende agora a sua área de atuação em direção a terrenos reservados, no passado, à socialização familiar, como, por exemplo, a educação afetiva e sexual”.

Nessa mesma discussão Nericí (1977) reafirma que a escola tem também a função de completar a ação educativa da família, a fim de preparar os sujeitos para o exercício pleno da cidadania. Para o autor, a instituição ao procurar contemplar as deficiências do lar passa a

atender também a sociedade, com a formação do ser humano autônomo e participativo na sociedade.

Ao refletir sobre a proposta de interação entre família e escola, Caetano (2008) elucida que tem um objetivo básico que é a educação das crianças. Para a autora, esse poderia ser considerado suficiente para definir o papel de cada uma delas no contexto atual, ou seja, a escola se encarregaria da educação formal dos sujeitos e a família assumiria a responsabilidade pela formação para a vida. Seria, portanto, uma equação simples e sem necessidade de tantas discussões. Porém, para a autora, essa fórmula não comporta tampouco atende a contextualização e demanda apresentada tanto pela instituição escolar quanto pela familiar na contemporaneidade.

Após essa abordagem das transformações escolares nos últimos tempos, Caetano (2008, p.27) faz alguns questionamentos bastante provocativos: “mas e a família? Quais transformações vêm experimentando? Por que a família contemporânea parece estar tão despreparada para educar seus filhos? O que espera da escola?”. Diante dos vários questionamentos a autora apresenta alguns indicativos que permeiam esse novo cenário familiar. Para ela, a família tem experimentado enormes transformações, destacando, principalmente:

[...] a inserção da mulher no mercado de trabalho, o aumento demográfico da população, a proibição do trabalho infantil, a obrigatoriedade da família e do Estado de garantir a formação escolar para as crianças, a urbanização das cidades, entre outros fatores, desencadearam mudanças nos costumes e na organização da estrutura familiar (CAETANO, 2008, p. 27).

Para a autora, o modelo de família vem também sofrendo transformações significativas, pois o modelo de família nuclear<sup>5</sup> (que era considerado como padrão ideal), atualmente, não é tão comum por todos os motivos citados. Dessa forma, os pais ficam sem saber quais os parâmetros para educar os filhos de modo que atenda as novas demandas sociais. Sobre essa discussão, Caetano (2008a) contribui com os achados de uma pesquisa realizada com pais de crianças e reafirma que estes estão educando de forma empírica por não terem referências.

Já Magalhães (2008), ao discutir sobre os novos arranjos e modos de intermediação da família contemporânea defende que a rapidez dos processos de mudanças sociais está cada vez mais presente, gerando a ideia de que tudo é temporal e provisório. Todo esse processo transformacional é determinado pela influência de, principalmente, três instâncias tradicionais:

---

<sup>5</sup> A família nuclear é um modelo construído na história da sociedade ocidental. O questionamento desse modelo torna visível outros tipos de configurações familiares.

O Estado, a Família e a Igreja. Nesse contexto, Jablonski (1998) revela que a família se reduz de forma acelerada e se isola da relação com a comunidade e com os próprios parentes, reforçando a dimensão afetiva no contexto interno dos lares. Assim ressalta a metáfora da “família” chamando a atenção para o processo de afastamento da família atual.

Magalhães (2008) defende e reafirma que o modelo de família, devido ao processo de mudança social, foi profundamente abalado dando espaço para a existência de múltiplos arranjos familiares, os quais podem ser sistematizados a partir de basicamente três formas de organização: a família tradicional<sup>6</sup>, a família nuclear moderna<sup>7</sup> e a família pluralística<sup>8</sup>. Para a autora, todos esses modelos dialogam entre si, convivem e sofrem influências mútuas. Nas suas palavras, ressalta:

[...] diante das atuais e novas configurações familiares, ainda podemos compreender a família como um processo de passagem entre gerações. Relativiza-se a hipótese do desaparecimento ou do declínio do grupo familiar a partir da concepção da transmissão geracional (MAGALHÃES, 2008, p.15)

A referida autora defende a necessidade de referências e valores mais estáveis, uma vez que neste contexto de instabilidade, a família ainda é vista como um lugar de proteção e confiança. E acrescenta: “[...] a família continua sendo uma importante mediadora entre indivíduo e sociedade” (p. 14). Nessa mesma discussão, Féres-Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007) elucidam que mesmo diante de uma priorização da autonomia individual da família, esta ainda continua influenciando e sendo referência na vida dos sujeitos, ou seja, a transmissão familiar ainda continua acontecendo e marcando a continuidade do processo.

Mesmo diante da permanência da mediação da família, Kaës (1993) defende que os pais devem estimular e criar situações favoráveis para a promoção da autonomia dos filhos, mas estão necessitando de apoio da ampla rede social para que esse papel seja cumprido de forma que atenda às demandas e mantenha a vinculação geracional e familiar e, assim, possa imprimir sua marca.

Magalhães (2008) defende que na velocidade das transformações do cotidiano atual, a estreita pareceria entre escola e família é cada vez mais valorizada e discutida, por oferecer instrumentos essenciais ao fortalecimento do processo educacional. Tanto a escola quanto a

---

<sup>6</sup> Magalhães (2008, p. 14) revela que a família tradicional “[...] privilegia a produção econômica conjunta, a autoridade parental e o casamento, fundamentado, sobretudo, na dimensão a aliança entre família e comunidade”.

<sup>7</sup> A família nuclear moderna, segundo Magalhães (2008, p. 14) “[...] é centrada nos valores individuais, enfatiza os laços afetivos entre os familiares e coloca a sexualidade e o amor romântico no centro do casamento”.

<sup>8</sup> A família pluralística para Magalhães (2008, p. 14) “[...] caracteriza-se pelos múltiplos arranjos, é mais flexível, menos estável e as relações entre seus membros é mais igualitária”.

família constituem-se pilares privilegiados para a autonomia e crescimento do sujeito, porém, para ela:

[...] em meio à fragilidade dos referenciais socioculturais, na ausência de “certezas” e de “previsões” sobre o futuro, família e escola falham na construção de um suporte mútuo. Na rapidez das transformações do cotidiano contemporâneo, torna-se necessário manter um diálogo aberto, constante, informado e reflexivo. [...] A intermediação da escola e da família funciona como um “dosador” da autonomia do sujeito. O fato de as configurações da família serem cada vez mais plurais torna a sua tarefa de intermediação mais importante ainda no processo de socialização dos seus filhos (MAGALHÃES, 2008, p. 17).

Todas essas modificações vividas nos últimos tempos além de afetar as famílias afeta também a escola por não ter um paradigma de organização familiar, porém, segundo Caetano (2008, 2008a), a escola não tem o direito de rotular a família como desestruturada, tampouco atribuir as novas organizações familiares o motivo do insucesso escolar. Para a referida autora, essa concepção é preconceituosa e não condiz com a realidade, porque

[...] não se pode afirmar que as famílias monoparentais, ou de pais divorciados, ou de pais homossexuais, dentre tantas outras formas de configurações familiares contemporâneas, representam famílias desorganizadas ou desestruturadas, pois o que se apresentam são novas estruturas familiares. Por outro lado, considerar que a família de antigamente era uma família ideal, ou dizer que esta família estendida é que representa a típica família brasileira, é igualmente um grande erro, uma vez que se trata de uma visão idealizada e preconceituosa de família (CAETANO, 2008, p. 28).

Para Caetano (2008, p. 28) deve-se refletir e discutir sempre as possibilidades do encontro ou maior parceria da escola com a família e argumenta que, comumente, os encontros entre as duas instâncias acontecem nas reuniões de pais e, muitas vezes, são permeados por tensões tanto da escola quanto da família. Entretanto, a verdadeira parceria não representa “[...] a venda de rifas, [...] o envio da prenda para a festa junina, na possibilidade de prestar um serviço para a escola (cortar grama [...]) ou, tão somente, no auxílio das lições de casa”. Todas essas participações são importantes para fortalecer as relações, porém a verdadeira parceria entre escola e família implica:

[...] cooperação, no sentido de pensar junto, aprender junto, decidir junto, trocar pontos de vista, sentir-se parte de um grupo. Logo, é papel da escola, ouvir a família. [...] O diálogo precisa ser a principal ferramenta para a construção da relação escola-família (CAETANO, 2008, p. 28).

Dessa forma, essa relação precisa estreitar-se. Exige-se da escola pensar estratégias para desenvolver práticas educativas para a família a fim de que esta possa contribuir de forma mais efetiva com a escola e juntas consigam conquistar a melhoria do processo educacional,

pois como revela Paro (2001), o sucesso escolar se dá de forma mais efetiva quando os pais participam e trabalham com os filhos o valor do estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após inúmeras reflexões e discussões junto as professoras cursistas acerca da Educação atual, seus desafios e as diversas dimensões que a atravessam, chegou o momento de problematizar sobre os fatores que estão diretamente envolvidas, levando em consideração as vivências do cotidiano pedagógico e toda a trajetória profissional vivida pelas docentes em formação. Neste sentido, estas foram desafiadas a produzirem individualmente em sala de aula seus textos, refletindo e problematizando sobre a Educação atual e seus desafios sob a perspectiva das suas práticas pedagógicas cotidianas. Das escritas produzidas, foi possível categorizar as principais temáticas abordadas e os extratos/fragmentos das escritas das professoras cursistas, conforme pode ser visualizado no quadro 1 a seguir.

**Quadro 1:** Principais temáticas abordadas e extrato das escritas das professoras cursistas

TEMÁTICAS ABORDADAS	EXTRATOS DAS ESCRITAS
Trabalho Colaborativo	<p>“[...] é através dessa diversidade de pensares que poderemos fazer a diferença para melhoria da nossa escola”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] através da interação podemos alcançar objetivos positivos para uma democratização escolar” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] as políticas públicas educacionais vão surgindo para que alcancemos melhorias na construção de seres sociais capazes de compreender o mundo [...]. É preciso que estejam voltadas para as necessidades e demandas e promovam mudanças significativas [...]” (Professora cursista, Parfor)</p>
Desestímulo dos estudantes	<p>“[...] na maioria das vezes o aluno não está interessado na escola, não está preocupado de fato em se educar [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] hoje é triste para um professor ouvi dizer que ‘a faculdade é para formar analfabetos’. De quem é a culpa, do professore ou do aluno?” (Professora cursista, Parfor)</p>
Ausência de limite na escola	<p>“[...] meu pai que só estudou até a 4ª. série ou 3ª., nem me lembro direito, na década de 40, saiu escrevendo devidamente, lendo e contando, o que nem todos hoje do Ensino Fundamental dominam este mínimo, isso porque no tempo do meu pai não tinha escola, mas as pessoas tinham limite, hoje as pessoas têm escola, mas não têm limite””. (Professora cursista, Parfor)</p>
Revolução nas políticas educacionais	<p>“[...] deve haver uma revolução nas políticas públicas educacionais, já que foram feitas inúmeras mudanças na educação brasileira e não foram suficientes para alcançar seus objetivos””. (Professora cursista, Parfor)</p>
Parceria entre educação familiar e escolar	<p>“[...] as famílias esqueceram o seu papel [...] elas são a primeira base para uma educação de qualidade. Para uma boa educação falta a escola exercer o seu papel e deixar que os pais assumam o seu. Isso só acontece com a parceria entre ambas [...] a construção de uma política que traga as famílias mais atuantes e preocupadas em formar seus filhos em cidadãos preparados para a vida social, cultural e acadêmica””. (Professora cursista, Parfor)</p>



	<p>“[...] a primeira educação se iniciar no ambiente familiar e com a parceria da escola e da sociedade é que o indivíduo se constrói [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] a maioria das crianças chegam ao ambiente escolar sem limites e sem o mínimo de educação”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] precisamos incluir seriamente na escola professor, aluno, família, sociedade e autoridades políticas, todos com pleno dever de assumir o compromisso com a educação”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] a escola já não é tão responsável como antes, esta, por sua vez insiste que a família não está dando o apoio que é de fundamental importância para a educação. [...] Não adianta procurar culpados, precisamos é encontrar soluções.” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] para evoluir a educação de uma nação requer [...] a participação direta de todos cidadãos, a implantação de políticas públicas capazes de garantir sua qualidade social, bem como o acesso e permanência de todos, possibilitando tanto ao educando quanto ao profissional da educação subsídios para alcançar benefícios comuns a educação”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“É importante que haja parceria entre escola, família, comunidade e Estado, em que todos estejam envolvidos e compromissados com a tarefa pedagógica, participando de forma direta [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] é preciso a parceria entre pais e mais interesse do Estado para que possamos ter uma escola de mais qualidade para darmos uma educação digna para nossos educandos”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] a família não cumpre seu papel de educadora, deixando apenas nas mãos da escola a educação de seus filhos. A escola por sua vez deixa muito a desejar, pois alguns fatores contribuem para isso, por exemplo: professores despreparados e sem compromisso, falta de recurso, sem falar na infraestrutura [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] precisamos que as famílias se juntem a nós e nos ajudem a educar seus filhos.” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] realizar um trabalho coletivo, democrático significa acreditar que todos juntos (família e escola) tem mais chances de encontrar caminhos para atender as expectativas da sociedade [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] os primeiros passos da criança são aprendidos em casa, mas para dar continuidade os pais precisam continuar orientando nas atividades escolares [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] o governo, a comunidade, os pais, todos têm uma parcela de culpa na educação do indivíduo. Não podemos nos acomodar e pensar que se o aluno não aprendeu a culpa é nossa, pois a culpa é de todos. Enquanto todos não se unirem para que a mudança venha, jamais teremos uma educação de qualidade, sempre teremos uma educação insatisfatória”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“A escola precisa andar em parceria com as famílias, por ser um espaço de crescimento, tanto para o educando como para o educador, resgatando valores, trabalhando de forma coletiva [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] A escola precisa exercer a sua função, a família e a comunidade também precisam estar juntas e engajadas no processo de ensino e aprendizagem, pois com essa parceria podemos ter uma escola com os “pés no chão” [...]” (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“A família precisa estar cada vez mais engajada das decisões da escola e os conselhos escolares precisam ser criados urgentemente [...] assim teremos uma educação mais participativa em que todos se insiram e se tornem também responsáveis pelos resultados e por todas as conquistas que a escola venha ter”. (Professora cursista, Parfor)</p>
<p>Famílias desestruturadas, desinteresse dos estudantes e impactos na escola</p>	<p>“[...] se a escola está perdendo a sua finalidade é porque as famílias também estão desestruturadas, com filhos abandonados [...]” (Professora cursista, Parfor).</p> <p>“[...] Há vários fatores que deveriam ser analisados, como: história de vida de cada aluno, falta de alimentos, roupas, pais separados, crianças que moram com avós e crianças que presenciam discussões entre pais. Tudo isso acaba interferindo no desenvolvimento escolar.” (Professora cursista, Parfor)</p>

	<p>“[...] a falta de acompanhamento por parte da família, o desinteresse dos alunos nos faz ficar sem estímulo diante de tantos obstáculos”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] inúmeras dificuldades impedem o desempenho eficiente do professor, dentre elas: a ausência de pais na escola, a carência de estrutura familiar, a falta de recursos materiais, um ambiente acolhedor e cursos de capacitação para os professores”. (Professora cursista, Parfor)</p>
Educação como direito e base para o desenvolvimento	<p>“A educação é um dos direitos fundamentais e essenciais ao progresso da vida humana e é através da aquisição de conhecimentos que uma nação cresce aumentando sua renda e a qualidade de vida das pessoas”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] espera-se que haja um entrosamento entre a família e a escola, que os governantes invistam na área da educação com projetos e medidas que visem avanços sociais, culturais e intelectuais”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] é através da educação de qualidade que a nação se desenvolve e melhora sua qualidade de vida [...]”. (Professora cursista, Parfor)</p>
Inclusão na educação	<p>“[...] com a inclusão de todos na escola, a educação se torna um meio de ligação mais forte para todas as saídas”. (Professora cursista, Parfor)</p>
Não reconhecimento do papel do professor	<p>“[...] não somos reconhecidos dentro nem fora da sala de aula, nem pais, nem escola, nem governantes [...] a escola se faz de desentendida, se esconde atrás do professor para fugir dos problemas. O sistema de ensino é falho, sem falar que está ultrapassado. Apesar do professor estar sempre se reciclando, faltam bons profissionais na educação [...] pessoas qualificadas, competentes, tudo isso são dificuldades no caminho do professor, pais sem compromisso e alunos perdidos. [...] E no fim tudo é culpa do professor”. (Professora cursista, Parfor)</p>
Necessidade de reencantar a educação	<p>“Se faz necessário fazer uma mudança para que nossas crianças voltem a ter o estímulo necessário para com a escola e voltem a ter o encantamento pela educação e com isso a escola não seja mais vista como uma fábrica de analfabetos”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“Educar deveria ser formar o sujeito para a dinâmica das relações sociais, mas infelizmente não é isso que tem acontecido”. (Professora cursista, Parfor)</p>
Importância da escola	<p>“Se quem frequenta a escola está com a educação ruim, sem ela pode ficar ainda pior. A escola desempenha um ofício muito importante na nossa vida, através dela podemos adquirir conhecimentos importantes”. (Professora cursista, Parfor)</p>
Função e papel do professor	<p>“[...] nos deparamos hoje com diversos tipos de professores [...] precisamos entender que a nossa função é árdua, porém bastante gratificante e devemos zelar pelo nosso nome, ou fazê-lo na sociedade, pois somos vistos lá fora, [...] Precisamos dar mais importância ao nosso papel de educador, visto que algumas pessoas não tiveram essa oportunidade”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] o docente tem um papel de grande importância, pois é quem dá sustentabilidade a todo tipo de formação e profissão”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] me fez refletir o quanto é importante o papel do educador e o quanto somos cobrados, por isso temos que estar todo tempo repensando nossa prática em busca de novos conhecimentos que possam atender as necessidades de nossas crianças”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] a função do educador vai além de transmitir conteúdos e regras. Ele deve criar condições e métodos eficazes para que o aluno aprenda e desenvolva suas competências, fazer com que suas aulas sejam atraentes, estar sempre comprometido com seu real papel na sociedade [...]” (Professora cursista, Parfor)</p>
Função social da escola	<p>“[...] cabe a escola formar cidadãos críticos, capazes de compreender a realidade em que vivem, bem como promover o desenvolvimento social e intelectual do sujeito [...]” (Professora cursista, Parfor)</p>
Papel do Estado	<p>“[...] cabe ao Estado intervir e oferecer melhores condições de trabalho ao educador para que ele possa exercer sua função com mais eficiência”. (Professora cursista, Parfor)</p> <p>“[...] para que o aprendizado aconteça de maneira satisfatória a criança precisa estar bem alimentada, ter material disponível para desenvolver suas</p>

	<i>atividades, sala de aula ampla, arejada e com boa iluminação [...]” (Professora cursista, Parfor)</i>
Educação para além da escola	<i>“A educação é algo que vai além do ambiente escolar [...]. É preciso criar espaços participativos e representativos nos quais a comunidade escolar possa atuar na melhoria da qualidade de ensino. [...] Os conselhos escolares também precisam estar atentos e buscarem uma educação democrática, capaz de transformar a vida dos cidadãos”. (Professora cursista, Parfor) “[...] É preciso que os conselhos escolares estejam mais a serviço da democratização da educação, porque esta é um direito de todos e lutar por ela deve ser obrigação de todos os cidadãos [...]” (Professora cursista, Parfor)</i>

**Fonte:** Dados produzidos pelas autoras a partir das escritas das professoras cursistas

Os dados apresentados no quadro 1 são bastante provocativos, pois trazem anúncios e denúncias que necessitam problematizações, reflexões e análise acerca das temáticas categorizadas e dos fragmentos evidenciados. Neste sentido, nos debruçaremos brevemente no tratamento do quadro 1 de modo a refletir sobre as percepções das professoras cursistas do Parfor acerca da Educação atual e seus desafios, sob a perspectiva das suas práticas pedagógicas cotidianas, conforme objetivo mobilizador deste trabalho.

Como pode ser observado, as temáticas elencadas a partir dos fragmentos das escritas das professoras cursistas acerca da educação atual, contemplam as seguintes categorias e seus respectivos números de menções: trabalho colaborativo (3 menções), desestímulo dos estudantes (2 menções), ausência de limite na escola (2 menções), revolução nas políticas educacionais (1 menção), parceria entre educação familiar e escolar (16 menções), famílias desestruturadas (4 menções), desinteresse dos estudantes e impactos na escola (3 menções), educação como direito e base para o desenvolvimento (3 menções), Inclusão na educação (1 menção), não reconhecimento do papel do professor (1 menção), necessidade de reencantar a educação (2 menções), importância da escola (1 menção), função e papel do professor (4 menções), função social da escola (1 menção), papel do Estado (2 menções) e educação para além da escola (2 menções).

É possível observar que a categoria temática com maior reincidência nas escritas das professoras está pautada na insuficiência da parceria entre educação familiar e escolar, com 16 menções, ou seja, das vinte e sete professoras cursistas a grande maioria destacou esta temática como emergente, já a segunda categoria mais evidenciada nas escritas diz respeito às famílias desestruturadas, com 4 menções, seguido da temática função e papel do professor, também com 4 menções. Deste modo, observamos que a Educação atual, sob o olhar das cursistas do Parfor enfrenta diversos desafios, sendo que o mais destacado está pautado na necessidade de maior articulação da família com a escola, conforme pode ser observado nos extratos das escritas a seguir:

*“[...] as famílias esqueceram o seu papel [...] elas são a primeira base para uma educação de qualidade. Para uma boa educação falta a escola exercer o seu papel e*

*deixar que os pais assumam o seu. Isso só acontece com a parceria entre ambas [...] a construção de uma política que traga as famílias mais atuantes e preocupadas em formar seus filhos em cidadãos preparados para a vida social, cultural e acadêmica”. (Professora cursista, Parfor).*

*“A escola precisa andar em parceria com as famílias, por ser um espaço de crescimento, tanto para o educando como para o educador, resgatando valores, trabalhando de forma coletiva [...]”. (Professora cursista, Parfor).*

*“A família precisa estar cada vez mais engajada das decisões da escola e os conselhos escolares precisam ser criados urgentemente [...] assim teremos uma educação mais participativa em que todos se insiram e se tornem também responsáveis pelos resultados e por todas as conquistas que a escola venha ter”. (Professora cursista, Parfor)*

Diante destes e tantos outros fragmentos apresentados no quadro 1, além de outras temáticas também abordadas, nos deteremos na que apresentou maior reincidência: a parceria entre educação familiar e escolar. Sobre esta categoria Lopez (2002) corrobora com a discussão destacando que até os próprios pais admitem que sua efetiva participação precisa de uma formação prévia no que se refere à estrutura do sistema para que conheçam seus direitos e deveres. Além disso, há necessidade de um grande compromisso com a educação dos filhos e com o sistema educacional. Para o referido autor, o desempenho positivo da educação escolar depende também do grau de implicação e participação dos pais, pois a educação familiar não deve encontrar no ambiente escolar uma concepção oposta a sua. E acrescenta:

*[...] a educação não depende de si mesma, mas em grande parte do papel que desempenha a família dentro e fora da escola. [...] Os pais têm o direito e o dever de participar na escola porque são os responsáveis legais e naturais pela educação de seus filhos, mas também representam a sociedade receptora da ação escolar. [...] se não concretizar tal participação da família na escola, não se pode alcançar uma educação coordenada e eficaz dos filhos (LÓPEZ, 2002, p. 83-84).*

Os estudos de Paro (2001) também comungam com essa discussão ao revelar que há uma crença entre todos os profissionais da escola da necessidade da ajuda da família para o desempenho qualitativo das crianças, especialmente no discurso dos professores que reafirmam a dependência do seu trabalho em relação ao que é feito antes nos lares das crianças pelos pais.

Corroborando com a discussão apresentada, Nerici (1977) contribui significativamente ao defender que a escola não deve assumir sozinha a incumbência da família, que é educar os filhos, ensinar os valores essenciais à vida e colaborar para que a educação escolar seja efetivada mediante intervenções simples e acompanhamento do processo.

O autor reafirma o papel social da escola e da família para que a educação de fato aconteça de forma articulada, considerando as vivências, as necessidades e as interações dos envolvidos. A família deve empenhar-se para cumprir suas obrigações no processo educativo

dos filhos e preparar as condições básicas para que a aprendizagem se efetive. Nas palavras de Nérici (1977, p. 194), é preciso convidar a família para

[...] colaborar com a escola, repartindo com esta as responsabilidades de educação de seus filhos e de preparação das novas gerações. Sendo a escola exigência da família, para mais adequada formação de seus filhos, é claro que esta não poderá alhear-se da tarefa daquela. [...] A educação escolar será mais eficiente à medida em que for realizada em estreita colaboração com a família.

Nessa concepção, o autor defende a necessidade de a escola convocar a família para juntas construírem seus planos de trabalho a fim de melhor realizarem a tarefa que lhes é comum. Mas, para que essa aproximação aconteça é necessário conquistar a família, convencê-la da importância da sua participação ativa e efetiva e assim “[...] congregá-la em “círculos de pais e mestres” ou em torno de outra qualquer instituição ou centro de interesse” (NÉRICI, 1977, p. 194 [grifo do autor]).

Para Nérici (1977) a escola, enquanto instituição social responsável pela educação tem sua função orientada por dois polos básicos que se constituem na sua razão de existir: a família e a sociedade. Dessa forma, não faz sentido o divórcio da escola e da família, mas ambas “[...] têm de se dar as mãos para juntas trabalharem na mesma empreitada, que é a formação do cidadão consciente de suas responsabilidades sociais” (NÉRICI, 1977, p. 206).

Desta forma, concordamos com as cursistas, da grande necessidade de ampliar essa discussão no âmbito formativo e escolar, por se constituir como elemento fundante para as reflexões sobre a Educação atual. No entanto, diversas outras problemáticas devem ser tensionadas e discutidas por também constituírem-se como emergentes para a ampliação das discussões, das problematizações, das pesquisas e para a criação de políticas públicas com foco na qualificação da Educação que temos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre Temáticas Emergentes da Educação sob o ótica de professoras cursistas do Parfor a partir das suas práticas, requer olhar atento, cuidadoso e respeitoso por se tratar de profissionais que já têm ampla trajetória na Educação, sobretudo no âmbito da docência da Educação Básica. Foi exatamente com esse cuidado e respeito que nos debruçamos sobre as produções escritas das cursistas inseridas.

Com a intenção de refletir sobre as percepções das professoras cursistas do Parfor acerca da Educação atual e seus desafios sob a perspectiva das suas práticas pedagógicas cotidianas – objetivo mobilizado neste estudo – tivemos a oportunidade de compreender as temáticas no

campo educacional que mais incomodam as colaboradoras, além de identificarmos apontamentos significativos que constituem a centralidade das preocupações e lutas das cursistas pesquisadas.

Isso foi possível pela opção de trilhar por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa de campo, tendo como instrumento de produção de dados, textos individuais sobre a Educação atual a partir das percepções de vinte e sete professoras cursistas do Parfor, de uma instituição pública do Estado da Bahia com ampla experiência na docência.

Diante de todo o processo de pesquisa junto as professoras cursistas, foi possível verificar que diante das inúmeras questões que afetam a Educação atual, o distanciamento entre a educação familiar e escolar é a mais emergente na percepção das professoras pesquisadas. Das vinte e sete (27) professoras inseridas, dezesseis (16) delas apontaram esta problemática nos seus textos. Além disso, outras temáticas também foram evidenciadas com menor incidência, tais como: famílias desestruturadas (4 menções), função e papel do professor (4 menções), trabalho colaborativo (3 menções), educação como direito e base para o desenvolvimento (3 menções), desestímulo dos estudantes (2 menções), ausência de limite na escola (2 menções), revolução nas políticas educacionais (1 menção), desinteresse dos estudantes e impactos na escola (3 menções), Inclusão na educação (1 menção), não reconhecimento do papel do professor (1 menção), necessidade de reencantar a educação (2 menções), importância da escola (1 menção), função social da escola (1 menção), papel do Estado (2 menções) e educação para além da escola (2 menções).

Todas as temáticas aqui apontadas, somadas aos fragmentos extraídos dos textos estudados, convidam-nos para novas pesquisa e reflexões que não foram possíveis neste artigo. No entanto, compreendemos a importância da ampliação do debate e da reflexão de cada um/a deles/as, pois refletem as percepções de docentes em formação que carregam amplas experiências no campo da Educação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Eurácia B.; ESTRELA, Sineide Cerqueira. **Alfabetização e Letramento (s) na escola e na família**: o processo de apropriação da leitura e da escrita sob um olhar para além da sala de aula, Curitiba: CRV editora, 2016.

CAETANO, Luciana Maria. Escola e Família: o que cabe a cada uma. In: **Presente! Revista da Educação** (Centro de Estudos e Assessoria pedagógica). Ano 16, n. 62, (set/nov). p. 26-29. Salvador: Ceap, 2008.

CAETANO, Luciana Maria. **O conceito de obediência na relação pais e filhos**. São Bernardo do Campo: Paulinas, 2008a.

FÉRES-CARNEIRO, T.; PONCIANO, E. L.T.; MAGALHÃES, A. S. Família e casamento: da tradição à modernidade. In: CEVERNY, C. (Org.). **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.23-33.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à Prática Educativa**. 1ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, H.S.R. Relações família e escola – continuidade e descontinuidade no processo educativo. **Ideias**, São Paulo, 1993, n° 16, p. 84-90.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

KAËS, R. **Transmission de La vie psychique entre générations**. Paris: Dumod, 1993.

LÓPEZ, Jaume S. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2002.

MAGALHÃES, Andrea Seixas. Escola Família contemporânea: novos arranjos e modos novos de intermediação. In: **Presente! Revista da Educação**. Centro de Estudos e Assessoria pedagógica. Ano 16, n° 62, (set/nov). Salvador: Ceap, 2008. p. 13-18.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NERICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1977.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Revista Análise Social**, v. XI, n 176, p. 563-568, 2005.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2001.

SACRISTÁN, J. G. **A educação obrigatória: seu sentido educacional e social**. Porto Alegre: Artmed, 2002.